

## Simpósio: **Informação em Psicologia: Breve Panorama da América Latina e Portugal**

### **Redes de Bibliotecas de Psicologia: Um Desafio para Portugal**

Carlos Alberto Lopes

Director da Biblioteca do Instituto Superior de Psicologia Aplicada – ISPA

clopes@ispa.pt

**Resumo:** A documentação em Psicologia, o papel dos bibliotecários nas bibliotecas de Psicologia e a importância da criação de redes de bibliotecas de Psicologia, são alguns dos temas emergentes, decorrentes de todo um processo evolutivo das bibliotecas universitárias de Psicologia, em Portugal. Serão apresentadas experiências que traduzem a mudança das bibliotecas de Psicologia de uma sociedade da informação para a sociedade do conhecimento. A *Web of Knowledge* e a *Biblioteca do Conhecimento Online* (B-on) foram projectos pioneiros em Portugal, que permitiram a transformação de bibliotecas tradicionais em bibliotecas híbridas e das bibliotecas híbridas em bibliotecas digitais. Novas bibliotecas, novas realidades em mudança, assentes na importância actual da literacia da informação no contexto académico e, das acções de formação de utilizadores, introduzem uma nova dinâmica de proximidade das fontes e dos recursos do conhecimento, nos processos de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Psicologia, Redes, Bibliotecas Universitárias, Bibliotecas Digitais, Aprendizagem.

*“Vemos, ouvimos e lemos. Logo, não podemos ignorar.”*  
Sophia de Mello Breyner Andresen

## **1. Introdução**

Provavelmente o rasgo mais característico da Sociedade actual é a explosão da informação. Também nas ciências psicológicas se produziu um aumento exponencial do conhecimento da informação científica – o seu ritmo de crescimento é muito mais rápido que o da maioria dos fenómenos sociais -, derivado da necessidade de dar a conhecer ‘factos’ por intermédio das redes de comunicação existentes entre os produtores de conhecimento e tecnologias e os consumidores dos seus produtos. Por um lado, a comunicação passou a definir essencialmente qualquer prática científica, visto que estas necessitam que os seus produtos sejam conhecidos... e consumidos socialmente; como disciplina científica, a Psicologia, oferece um amplo conjunto de produtos no mercado extremamente dinâmico de intercâmbio de bens simbólicos que definem a nossa sociedade da informação (e.g., Tortosa & Civera, 2002). Por outro lado, a evolução de projectos e a disponibilização de ferramentas como a *Web of Knowledge* (WoK) e a *Biblioteca do Conhecimento Online* (B-on), associada ao desenvolvimento de um novo modelo da comunicação científica, graças à adesão

crescente da comunidade académica ao movimento do *Acesso Livre* ao conhecimento, quer pela publicação de revistas electrónicas, quer pela crescente dinamização dos repositórios institucionais e de autor. Assim, evolução e mudança são palavras-chave que se repercutem na dinâmica das bibliotecas académicas e em particular nas bibliotecas de Psicologia: a biblioteca tradicional transforma-se em biblioteca híbrida, e esta por sua vez é cada vez mais uma biblioteca digital.

A importância da criação de uma rede de bibliotecas de Psicologia nos nossos dias sairá reforçada atendendo ao novo papel e às novas funções que caracterizam as bibliotecas do ensino superior inseridas no Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES) e no Espaço Europeu de Investigação (EEI), exerce-se ao nível da mediação de conteúdos, continuando a ser facilitadora do acesso já não exclusivamente pela gestão das colecções, mas pela gestão dos conteúdos.

A Declaração de Bolonha (1999) supõe um desafio para o sistema universitário português. Tem início em 2010, o Espaço Europeu do Ensino Superior, onde se aguarda uma profunda renovação pedagógica: incorpora a aprendizagem ao longo da vida, como elemento chave da educação no ensino superior, pretende-se caminhar no sentido de desenvolver competências de informação com o objectivo de ir ao encontro do estudante com bom nível de literacia da informação, isto é, todo e qualquer estudante que defina e articule a necessidade de informação e decida sobre o conjunto de acções a levar a cabo para a sua obtenção (Pinto, 2008).

## **2. Da Sociedade da Informação à Sociedade do Conhecimento**

O maior problema que hoje enfrentamos é que o mundo que temos nas nossas cabeças, já não é o que temos debaixo dos pés.

O conceito *Sociedade de Informação*, surgido no século XX, faz referência a um tipo de sociedade que se caracteriza por um importante desenvolvimento tecnológico que favorece o incremento, a diversificação e a transmissão da informação.

Esta presença crescente das tecnologias da informação e da comunicação no quotidiano explica-se com clareza através dos princípios enunciados pelo sociólogo espanhol Manuel Castells, segundo os quais:

1. Actualmente, a informação não existe, como outrora, apenas para agir sobre a tecnologia, mas é efectivamente cada vez mais a sua matéria-prima.
2. Possuímos poderosa tecnologia para agir sobre a informação: (a) a penetrabilidade dos seus efeitos é indiscutivelmente ampla dado que a informação é parte incontornável de toda a actividade humana, por último, (b) a versatilidade e potencialidade da sua estruturação em rede estão provadas, pois a sua morfologia tem-se mostrado capaz de responder à complexidade crescente da globalizada interacção humana (Castells, 2002, p. 235).

Hoje em dia podemos aceder a uma grande quantidade de informação em diferentes formatos e suportes, algo possível graças ao aumento da velocidade de processamento e distribuição da informação e ao uso cada vez mais fácil e facilitado das tecnologias da informação e da comunicação (TIC). O impacto das TIC permitiram a digitalização dos documentos, o que supõe um avanço nos sistemas de edição, tratamento da informação e facilitou um massivo armazenamento. Assiste-se à produção de uma mudança na velocidade e no poder das comunicações unido ao aumento da capacidade para enviar, receber e usar a informação. O aparecimento da rede Internet proporciona um marco que favorece e facilita o acesso universal e igualitário a qualquer tipo de

informação, abrindo novas perspectivas na ampliação do espaço público do conhecimento (Pinto, 2008).

Neste contexto, alguns autores consideram que a *Sociedade da Informação* e a *Sociedade do Conhecimento* são sinónimos, mas pensamos, como assinala Pinto (2008), que no século XXI avançou-se um escalão e passou-se da *Sociedade da Informação* à *Sociedade do Conhecimento*. A maioria dos países situa o conhecimento na base da sua economia e dedica importantes investimentos na realização de projectos I+D com fins de produção e transmissão. Recentemente o Relatório Mundial da Unesco designado “*Para a Sociedade do Conhecimento*” (2005) afirma que “a sociedade mundial da informação, só tem sentido se propicia o desenvolvimento de sociedades de conhecimento” (p. 21).

Se aceitarmos, portanto, que as bibliotecas hoje em dia em analogia com a *Sociedade*, operaram a mudança de *Sociedade da Informação* para a *Sociedade do Conhecimento*, podemos estabelecer a seguinte diferenciação: “Possuir conhecimento, seja na esfera que seja, é ser capaz de realizar actividades intelectuais e manuais. O conhecimento é portanto fundamentalmente uma capacidade cognitiva. A informação pelo contrário, é um conjunto de dados, estruturados e formatados, mas inertes e inactivos até que sejam utilizados, pelos que têm o conhecimento suficiente para interpretá-los e manipulá-los” (David & Foray, 2002, p. 23). A informação é a matéria-prima para elaborar conhecimento, mas terá de ser processada para que se converta em conhecimento de facto (e.g., Pinto, 2008). Neste âmbito, a proliferação de ferramentas para gerar, armazenar, transmitir e aceder à informação, leva-nos à constatação de que a própria informação se converteu na “matéria-prima” mais preciosa, na criação de

conhecimento e na capacidade para seguir aprendendo ao longo de toda a vida e, conduziram a designar o nosso tempo como a *Sociedade do Conhecimento*.

### **3. Breve Evolução das Bibliotecas de Psicologia: Tradicionais, Híbridas e Digitais**

Olhando para a história da Psicologia em Portugal de um ponto de vista essencialmente cronológico, podemos de forma esquemática distinguir três grandes momentos que reflectem mudanças significativas ao nível da formação, investigação e prática profissional (Franco, 1998), em analogia com o processo de desenvolvimento das bibliotecas universitárias, que passaram desde os anos 80 por três fases (Anglada, 2006):

**1º Momento - O não-reconhecimento.** O primeiro momento pode ser identificado como o não-reconhecimento da Psicologia. A dificuldade em aceitar a emergência e autonomização dessa nova área do saber no seio académico leva a que esse período seja especialmente marcado pelo contributo formativo do ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada, criado em 1962, e pelos psicólogos que realizaram a sua formação em Psicologia em universidades estrangeiras, predominantemente europeias.

**1ª Fase - Das bibliotecas da universidade à biblioteca da universidade.** Esta primeira fase desenvolveu-se até aos anos 90. Reagia-se face a uma situação de dispersão das bibliotecas e de baixa qualidade dos serviços. Actuou-se consolidando direcções efectivas dos serviços prestados pelas bibliotecas, criando serviços técnicos e centralizando operações.

- *Década de 65-75.* Aparecimento das primeiras bibliotecas de Psicologia, através do aparecimento de instituições académicas (e.g., Bibliotecas do ISPA em 1962, e

Biblioteca de Ciências da Educação da Fundação Calouste Gulbenkian) e outras organizações (hospitalares) de apoio médico-psicológico (Biblioteca do Hospital Júlio de Matos, entre outras). As bibliotecas caracterizavam-se por não se distinguir a informação do seu suporte tecnológico, sendo a biblioteca vista como um stock de documentos. As necessidades dos docentes geram a criação e a formalização de bibliotecas da especialidade. Tal facto limitou, que só uma minoria de docentes e psicólogos portugueses, eram capazes de realizar pesquisas retrospectivas manuais em catálogo, repertórios e índices bibliográficos (e.g., *Psychological Abstracts (APA)*, *criado em 1927* e *Current Contents: Behavioural and Social Sciences do ISI*). Por outro lado, o acesso às revistas internacionais era muito limitado.

**2º Momento - As Faculdades de Psicologia.** Um segundo momento inicia-se com a criação dos cursos superiores de Psicologia, em 1976, que deram lugar às Faculdades de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa, Coimbra e Porto. A Psicologia passou a ter lugar entre as disciplinas académicas e pode caminhar para novas formas de organização e divulgação tanto de saberes como de práticas.

**2ª Fase - Da biblioteca da universidade ao sistema bibliotecário da universidade.** Esta fase começou a desenvolver-se no final dos anos 80 do século XX, e supôs a maturação do sistema bibliotecário universitário. Reagia-se face ao modelo anterior caracterizado por uma excessiva rigidez e procedimentos teóricos não adaptados ao contexto português. Actuou-se organizando as estruturas de pessoal, dirigindo a atenção das actividades das bibliotecas aos utilizadores e aos serviços e redefinindo os serviços técnicos.

Do ponto de vista tecnológico foi um período de grandes mudanças com o advento da Internet, começa a surgir o conceito de informação separada do seu suporte. É

também nesta fase que se inicia o uso das tecnologias da informação na organização da enorme massa documental produzida a partir dessa época.

Numa perspectiva de evolução das bibliotecas de Psicologia, identificamos como momentos mais marcantes, os seguintes:

- *Década de 75-85*. Surgem as Bibliotecas das Faculdades de Psicologia e Ciências da Educação em Portugal em 1976, consolidam-se como bibliotecas nos anos 80.

- *Década de 85-95*. O crescimento exponencial da informação conduziu à formação de Bibliotecas cada vez maiores, geridas por profissionais bibliotecários, marcam igualmente o aparecimento do apoio da informática na elaboração de catálogos e sistemas de recuperação de informação eficientes nos processos de pesquisa, destacamos nomeadamente: (a) a informática abre caminhos à automatização das bibliotecas, (b) os novos equipamentos informáticos, permitem construir equipas para armazenar informação em grandes quantidades e a preços reduzidos, (c) as novas técnicas de comunicação facilitam a interconexão entre computadores, (d) o aparecimento do CD-ROM em 1985, como suporte massivo de informação de alta densidade e de baixo custo, (e) aparecem as primeiras Bases de Dados (e.g., base de dados referencial da Psicologia, em suporte CD|ROM - *PsycLIT*), enciclopédias, catálogos bibliográficos, obras completas de autores clássicos (e.g., Sigmund Freud), e (f) a edição electrónica junto com a inclusão de programas informáticos, permitem a interactividade destes suportes.

Um momento marcante nas bibliotecas e nos profissionais da informação, surge em 1986, com o início da automatização da Biblioteca Nacional, tendo sido esta, então, designada coordenadora da Base Nacional de Dados Bibliográficos – PORBASE, veio

alterar de forma radical a cooperação entre as bibliotecas nacionais, pois reuniu bibliotecas universitárias, bibliotecas da administração pública, bibliotecas municipais, bibliotecas especializadas, ... As bibliotecas cooperantes beneficiaram do acesso a equipamentos que lhes permitiu não só automatizar rotinas, mas também otimizar e melhorar os serviços até então prestados (Costa, 2008).

Só em finais dos anos 90 é que se verifica a integração da Internet e de recursos electrónicos nas bibliotecas de Psicologia. Esta fase faz referência ao nascimento de um novo modelo: a biblioteca denominada híbrida, a que se chegou através de um longo processo evolutivo. A biblioteca híbrida é a soma dos elementos tradicionais da biblioteca (bibliotecas físicas) com outros novos que derivam da importância da informação digital, das novas tecnologias e da telemática. Trata-se de uma entidade mista onde convivem documentos tradicionais com informação digital e serviços que se desenvolvem nas suas dependências físicas com outros que se oferecem através da Internet. Nela se atendem utilizadores presenciais e remotos. É a soma do real e do virtual. Rusbridge (1998) definiu a biblioteca híbrida como “a oferta de serviços de informação baseado em materiais impressos e digitais através de um acesso único e integrado” (p. 345), que se pode caracterizar da seguinte forma: (a) como conceito emergente que caracteriza a biblioteca que integra os diferentes suportes documentais na biblioteca física, (b) reclama a integração, a interoperabilidade de arquivos e a oferta de serviços específicos aos utilizadores, e (c) um novo modelo que não se centra unicamente nos recursos ou na informação, mas sim põe em relevo a importância da orientação do serviço às necessidades dos utilizadores.

Encontramos esta caracterização de biblioteca híbrida ainda nas actuais bibliotecas de Psicologia - acentua-se o crescimento da Internet e o aparecimento de recursos



electrónicos de acesso às bases de dados referenciais (e.g., PsycINFO) e ao texto integral (e.g., *PsycARTICLES*, *PsycBOOKS* da APA). As bibliotecas estão a adaptar-se a esta nova realidade através da disponibilização de novas infra-estruturas: acesso a Internet, redes abertas de informação (ambiente wireless) e de novos serviços (e.g., catálogos online, sítios Web, etc.)

**3º Momento - Proliferação e diversificação.** O período anterior desenvolveu-se com grande intensidade até ao início dos anos 90, quando se dá a proliferação das escolas privadas que ministram o ensino da Psicologia, acompanhada da criação de novos cursos. Neste período é também característica marcante a incremento significativo da investigação, com surgimento de mestrados, doutoramentos e a diversificação da prática profissional.

**3ª Fase - Do sistema bibliotecário da universidade ao serviço complementar da docência e da investigação da universidade.** Esta é uma fase iniciada com o novo século mas de forma alguma completada. Trata-se agora de assumir um novo papel adaptando-se a duas mudanças profundas: as possibilidades da informação electrónica – biblioteca digital, e o novo contexto da formação superior – Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES).

### *3.1 Biblioteca Digital*

Podemos designar a Biblioteca digital como um desafio actual, em que se enquadram muitas biblioteca académicas, algumas na área da Psicologia. Para Arms (2000) biblioteca digital pode definir-se como: "Uma colecção organizada de informação com serviços associados, em que a informação está armazenada em formato digital e é acessível através da rede" (p. 23). Os benefícios da biblioteca digital traduzem-se em:

(a) levar a biblioteca ao utilizador, (b) facilidade para partilhar informação, (c) informação sempre disponível, (d) possibilitar a criação de novas formas de informação, e (e) reduzir a brecha digital. Em consequência gera-se um efeito multiplicador com repercussões na dinâmica e inovação das bibliotecas, nomeadamente: na disponibilização da informação (e.g., página Web, arquivos digitais em texto integral, portais, repositórios, intranet, etc.); na multiplicidade de suportes (e.g., manuscritos, gravuras e desenhos, cartografia, fotografia, áudio, CD\ROM, vídeo, DVD, documentos electrónicos, etc.); no acesso à informação electrónica (e.g., password, acesso wireless, VPN, IP da instituição, etc.); no tipo de recursos electrónicos (e.g., e-books, áudio books, periódicos, bases de dados, repositórios, testes e instrumentos de avaliação psicológica informatizados, informação para PDA e iPod, vídeos, tutoriais e material de formação de utilizadores); no tipo de serviços disponibilizados aos utilizadores (e.g., empréstimo domiciliário, empréstimos interbibliotecas, serviços de referência, formação de utilizadores e serviços de referência e atendimentos virtuais (telefone, sms, e-mail, chat, ...), biblioteca digital com acesso VPN, acesso wireless no campus, serviços de informação móvel (e.g., para PDA, iPods, sms, etc.), formação de utilizadores, serviços de audiovisuais e multimédia (i.e., criação de vídeos e apresentações); na tipologia diversificada da comunidade de utilizadores (e.g., estudantes pré-graduados, pós-graduados; professores, investigadores, profissionais de informação, etc.); e na tipologia do fundo documental (e.g., periódicos impressos, periódicos electrónicos, documentação histórica, bases de dados); e no acesso à leitura através de espaços diversificados (e.g., salas de trabalho em grupo, salas de leitura individual, gabinetes para investigadores, salas de computadores e pesquisa, salas de formação, espaços de das salas de leitura informal e de livre acesso, salas de visualização de vídeos e material multimédia, etc.)

e sobretudo desde os *PCs* ou outros dispositivos usando redes abertas de informação (ambiente wireless). Contudo, o aparecimento das revistas electrónicas introduzem uma nova dimensão nas bibliotecas de Psicologia, ao proporcionar: rapidez de produção e distribuição; preço mais barato dos títulos (consórcios), capacidades multimédia e a interacção autor-leitor.

Em Portugal, há pelo menos **duas iniciativas pioneiras**, que imprimiram uma dinâmica de mudança nas bibliotecas académicas, como foram:

- ***Web of Knowledge***. A disponibilização em 2001 do acesso à Web of Knowledge (WoK), do ISI /Thompson Reuters através da Rede Ciência, Tecnologia e Sociedade (RCTS) e com apoio financeiro do Programa Operacional Sociedade da Informação (POSI), permitiu à comunidade científica e do ensino superior de todo o país aceder desde esse ano às bases de dados do *Science Citation Index*, do *Arts and Humanities Citation Index*, dos *Current Contents* e *Contents Connect*, dos *Journal Citation Reports*, dos *ISI Proceedings*, dos ISI Chemistry, incluindo os respectivos registos históricos desde 1945. A disponibilização da WoK, dada a enorme importância deste instrumento de referências bibliográficas e de citações à literatura científica para as actividades científicas correntes, constituíram um primeiro passo na visibilidade e reconhecimento de ferramentas (de acesso via Web) no suporte à aprendizagem e à investigação. Actualmente a WoK está integrada na B-on.

- ***Biblioteca do Conhecimento Online (B-on)***. A B-on foi um segundo passo, pioneiro ao permitir o acesso, a nível nacional e através da Internet, a conteúdos de algumas das principais editoras de periódicos científicos internacionais de modo a oferecer um conjunto alargado de artigos online, em texto integral, em condições

financeiras adequadas<sup>1</sup> às instituições científicas e do ensino superior do país.

Relativamente ao seu surgimento, Vasconcelos (2004) afirma:

A sua necessidade tornava-se cada vez mais óbvia: o indispensável acesso alargado às fontes do conhecimento científico estava fortemente dificultado. Qualquer investigador poderia contar inúmeras odisséias, que terá vivido, para encontrar em tempo útil aquele artigo ou conjunto de artigos essenciais para o seu trabalho. Muitos investigadores viram-se na contingência de sair de Portugal apenas por aqui não ser possível o acesso a informação essencial e actualizada para os seus estudos pós-graduados (p. 118).

Neste sentido, e em articulação com o então *Ministério da Ciência e Ensino Superior* (MCES) e a *Fundação para a Computação Científica Nacional* (FCCN), foi desencadeado um conjunto de acções desde o início do ano de 2003, que conduziram à implementação do projecto B-on, lançado em Abril de 2004 com 3.500 títulos de seis editores.

A Tabela 1 ilustra a evolução da B-on no período 2004-2007, pelos seguintes indicadores: número de instituições, editoras, títulos e nível de utilização (*downloads*). Verifica-se uma crescente evolução dos vários indicadores, com destaque no número de downloads registados no período em análise.

---

<sup>1</sup> Quando a B-on surgiu em 2004, e até 2007, o MCTES suportava 56% do custo de todas as instituições, porém em 2007 passou a suportar 100% dos custos das instituições que se encontravam sob a sua tutela (universidades públicas, politécnicos públicos e laboratórios de Estado e Associados), mantendo os referidos 56% de financiamento das restantes instituições. Porém, em 2008 e apesar de se manter o financiamento a 100% para as instituições sob a sua tutela, o MCTES reduziu a comparticipação das restantes instituições para 40%, prevendo-se que a mesma termine em 2009 para essas instituições, mantendo-se os 100% para aquelas que se encontram na sua dependência (Costa, 2008).

Tabela 1. *Evolução da B-on no Período 2004-2007, por Número de Instituições, Editoras, Títulos e Nível de Utilização (downloads)*

Número	2004	2005	2006	2007
Instituições	48	68	74	75
Editoras	6*	15**	15	20***
Títulos	3500	16000	16000	17000*
Utilização	1.996.171	3.344.199	3.694.106	4.314.588

Nota: Fonte Costa (2008).

\* Seis editores (Elsevier, IEEE, Sage, Springer, Kluwer, Wiley) em regime de *All for All*, ou seja, Tudo para Todos.

\*\* Acesso a quinze fornecedores de conteúdos (American Chemical Society, American Institute of Physics, Annual Reviews, Association for Computing Machinery, Ebsco, Elsevier, IEEE, Institute of Physics, Royal Society of Chemistry, Sage, Society for Industrial and Applied Mathematics, Springer, Taylor & Francis, Web of Knowledge e Wiley) em regime de *All for All*.

\*\*\* Cinco novas editoras (Cambridge University Press, Blackwell, Nature, Oxford University Press e Science) em regime de *Some for Some*.

Estes dados confirmam não só o sucesso deste projecto, como o seu impacto na comunidade académica e na gestão das bibliotecas académicas. No âmbito da sua relevância, Costa (2008) afirma: “a criação e disponibilização da B-on representam uma das acções mais relevantes em favor da comunidade académica e científica nacional, sendo que as suas principais vantagens foram a democratização e a flexibilidade no acesso ao conhecimento científico” (p. 40).

### 3.2 O novo contexto da formação superior no Espaço Europeu do Ensino Superior

O novo sistema de aprendizagem no Espaço Europeu do Ensino Superior, baseia-se na necessidade de que os cidadãos disponham de uma formação crítica, que os capacite para interpretar uma informação que muda continuamente e para que sejam capazes de criar conhecimento. Isto não é possível se não se der ao estudante universitário uma formação centrada na própria aprendizagem, processo no qual o professor deve desempenhar um importante papel como agente activo na motivação do estudante, na melhoria da qualidade da docência e na inovação.

Conceitos como formação de utilizadores e literacia de informação como via para a

aprendizagem ao longo da vida, ganham um papel crucial nos desempenhos esperados das bibliotecas académicas. Para Rockman (2004) “All the preservation, organization, and dissemination of information goes to waste if future generations are unable to use information effectively” (p. 123).

A *Association of College & Research Libraries* (ACRL, 2000) define literacia da informação como o sistema de competências necessárias para pesquisar, recuperar, analisar, e usar a informação, ou seja, reconhecer necessidades de informação, saber como localizar, identificar modos de acesso, recuperar (investigar), avaliar, organizar e aplicar a informação (interpretar e criar novas ideias), sendo capaz de sintetizar informação e de a usar para criar novo conhecimento e compreensão. Em simultâneo, estar consciente das envolventes éticas, culturais, económicas e sociais.

Até à data, poucos planos de estudo dos cursos universitários de Psicologia, contemplavam a necessidade de formar os estudantes no uso dos recursos de informação científico-técnicos para realizar os trabalhos académicos. Por este motivo, só os estudantes mais sensibilizados para a necessidade de saber usar as fontes de informação, beneficiaram da formação ministrada pelos profissionais de informação, assistindo voluntariamente às sessões organizadas pelas bibliotecas.

Os novos planos de estudos adoptados no EEES, prevê que o estudante de Psicologia aprenderá de maneira mais autónoma; ao longo do seu trajecto académico, o estudante terá que realizar muitos mais trabalhos dirigidos ou projectos de investigação em comparação com o passado. Para realizar estas tarefas, deverá localizar, avaliar e utilizar todos os recursos de informação que tenha ao seu alcance.

Neste contexto as experiências já adquiridas pelas bibliotecas em matéria de formação de utilizadores, devem servir para integrar estas actividades formativas nos novos planos de estudo (Larkin & Pines, 2005; Pinto, 2008). Agora, as bibliotecas de Psicologia podem e devem oferecer os seus serviços para ministrar unidades curriculares transversais relacionadas com a aquisição de competências informativas (*information literacy*). Elas permitirão ao estudante: (a) identificar a informação que necessitam para realizar qualquer trabalho de investigação, (b) organizar a informação de forma eficiente, (c) comunicá-la adequadamente de forma oral e escrita.

Estamos pois como profissionais da informação na área da Psicologia, face a uma oportunidade única para integrar a nossa aptidão e conhecimento em competências informacionais nas futuras formações a estudantes pré-graduados, pós-graduados e de doutoramento (1º, 2º e 3º Ciclos). Se este objectivo for atingido, todos os estudantes se converterão em utilizadores autónomos e competentes no uso da informação, habilidades que lhe serão úteis não só, (aprendizagem) ao longo de toda a vida académica e de investigação, mas também no futuro do seu percurso profissional.

No que se refere aos professores e investigadores também é necessário pensar em iniciativas semelhantes, visto que, se bem que preferem ser autónomos nas suas actividades académicas, nem sempre estão capacitados para gerir a informação, obtendo dela o melhor benefício possível para as suas investigações. Para tal, será cada vez mais necessário a colaboração das bibliotecas com os seus distintos serviços no suporte à formação de docentes. Torna-se imprescindível conhecer a percepção dos docentes sobre os tipos de fontes informativas que devem merecer atenção

pedagógica por parte da biblioteca e qual a forma mais adequada e propícia para desenvolver uma acção pedagógica coordenada (e.g., Pinto, 2008).

Em síntese, a abordagem mais recente da literacia de informação atribui destaque aos processos de informação associados à aprendizagem ao longo da vida, englobando uma articulação entre competências, conhecimentos e valores, ao mesmo tempo que se desencadeiam múltiplas mudanças individuais e sociais. Neste âmbito, de mediador de processos de pesquisa, o profissional da informação passará a mediador de aprendizagens, colocando a biblioteca num patamar de espaço de aprendizagem e contribuindo para a construção do conhecimento através de uma abordagem focalizada na aprendizagem do estudante. Os desafios que as bibliotecas de Psicologia enfrentam nos nossos dias, seriam agora: incrementar o uso de informação em todos os âmbitos da vida universitária, flexibilizar a organização da biblioteca e assumir novos papéis dentro da universidade.

#### **4. Redes de Bibliotecas de Psicologia no Espaço Europeu do Ensino Superior**

As redes são estruturas abertas, com capacidade de expansão sem limites, integrando novos “nós” enquanto possam comunicar-se entre si, isto é, sempre que compartilham os mesmos códigos de comunicação. Na dinâmica não há centro - há resultado, não há uma forma pré-estabelecida de actuar - mas sim uma orientação para as consequências das actividades (e.g., Anglada, 2006; Castells, 2002).

Na sociedade actual o conceito de rede desempenha um papel central, pelo que não podemos hoje reflectir sobre o futuro da criação de uma Rede de Bibliotecas de Psicologia em Portugal, sem ter em conta este novo paradigma de tecnologia, e a consciência de que o próprio conceito de rede terá de evoluir. Retomando Castells



(2002), neste novo contexto, a “rede é um conjunto de nós interligados (...) o que determina que a distância (ou a intensidade e frequência da interacção) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais frequente ou mais intensa) se ambos os pontos forem “nós” de uma rede do que se lhe não pertencerem. Por outro lado, dentro de determinada rede, os fluxos não têm ou têm a mesma distância entre os nós.” (p. 234).

O desenvolvimento evolutivo das bibliotecas académicas na área da Psicologia e a sua adaptação aos novos tempos implica que se multiplique e dinamize no âmbito relacional. Para a construção de uma rede, teremos de definir programas e metodologias comuns para o desenvolvimento de serviços, produção de conteúdos e partilha de recursos com base no uso das tecnologias, de modo a dotar a rede de bibliotecas de Psicologia, da qualidade de rede informacional.

O caminho que temos de percorrer na criação de uma rede tem de ser na direcção de “um conjunto de nós interligados” onde, claramente, pertencer a essa rede seja mais vantajoso do que não lhe pertencer (tomemos como exemplo a B-on). Para além da economia de meios, a implementação de uma rede garantirá também a qualidade dos serviços e dos produtos a fornecer. A utilização das tecnologias da informação e da comunicação assegurará a necessária, fácil e rápida partilha de recursos e a cooperação entre as instituições.

Para quem ainda se questionar sobre as vantagens que advirão da criação de um rede entre bibliotecas de Psicologia, aqui fica expresso algumas delas: (a) capacidade comercial diferente, (b) cobertura das novidades no mercado, (c) capacidade de

incentivar uma cooperação em relação às redes internacionais existentes, (d) rapidez na circulação da informação, (e) gestão partilhada e consequente economia (de escala) de meios, (f) uniformidade de critérios de pesquisa e nas classificações adoptadas, (g) melhoria na eficiência de recursos partilhados, e (h) actualizar conhecimentos tecnológicos especializados.

Para além das vantagens preconizadas, apresentamos uma proposta de AGENDA, com o objectivo de criar uma rede de bibliotecas de Psicologia, de acordo com a nova metodologia de ensino superior no EEES, para o ano 2010, com as seguintes orientações:

- Incorporar novos serviços bibliotecários, de informação, de suporte e ajuda audiovisual e multimédia, uma biblioteca digital conectada aos “campus virtuais” das universidades, etc.
- Oferecer cursos de formação de utilizadores para que os estudantes e docentes adquiram habilidades no uso de determinados recursos.
- Criar e desenhar uma biblioteca digital que responda às necessidades reais dos utilizadores, incorporá-la aos campus virtuais das universidades e fomentar a aprendizagem em rede de universitários e professores.
- A adopção de normas e padrões comuns (e.g., instrumentos como o *Thesaurus de Psicologia*).
- Desenvolver sinergias para participar na *Iniciativa nacional de acesso aberto aos conteúdos científicos de Portugal* - com o objectivo de proteger a informação

electrónica de cada instituição - , como de aumentar a visibilidade dos resultados da investigação realizada pelos investigadores de cada universidade.

- Melhorar os modelos de organização e de gestão e potencializar as novas atribuições dos profissionais da informação, como novos agentes educativos da universidade no âmbito da literacia da informação e aprendizagem.

- Incluir progressivamente novos serviços e projectos universitários que dêem resposta à adaptação da universidade ao novo marco do EEES e EEI.

## **5. Considerações finais**

Podemos afirmar que os avanços científicos e tecnológicos converteram a Sociedade do Conhecimento numa “sociedade rede”. Este sintagma criado por Castells (2002) faz referência à Internet como meio de comunicação, de interacção e de organização social. A rede de bibliotecas de Psicologia no quadro do Espaço Europeu do Ensino Superior, para além de reforçar a dimensão colaborativa entre as bibliotecas, permitirá também, conceber – desenhar, construir, organizar – como ambientes de aprendizagem abertos, promotores da literacia da informação.

Analizamos o efeito do contexto digital, onde a B-on e a Wok deram um grande passo de consolidação, como recursos colocados à disposição da comunidade de utilizadores das bibliotecas das instituições universitárias, a criação de uma rede de bibliotecas de Psicologia no espírito de partilha e cooperação apresenta-nos como solução para: fomentar novas ideias, ser um campo experimental de selecção das melhores práticas, aumentar a melhoria e desenvolver a inovação, e por último, acentuar que o trabalho colectivo acumula conhecimento, produz sinergias positivas, rompe inércias negativas, evita cometer grandes erros. Terminamos com uma convicção, na sociedade em rede, as

bibliotecas devem passar, de ser mero executor de acções, para ser um facilitador de relações.

### Referências

- Anglada, L. M. (2006). Colaboraciones y alianzas: La inteligencia social aplicada a las bibliotecas universitarias. *Anales de Documentación*, 9, 7-15.
- Arms, W. (2000). *Digital libraries*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Association of College & Research Libraries [ACRL] (2000). *Information literacy competency standards for higher education*. Chicago: ACRL.
- Castells, M. (2002). *A sociedade em rede: A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, T. (2008). *O uso dos periódicos electrónicos nas instituições do Ensino Superior Público em Portugal*. Tese de Mestrado (não publicada) em Ciências da Documentação e Informação. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- David, P., & Foray, D. (2002). Una introducción a la economía y a la sociedad del saber. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, 171, 34-45.
- Franco, V. (1998). *A psicologia em Portugal*. In Sindicato Nacional dos Psicólogos (Ed.), *A psicologia na viragem do século* (pp. 65-87). Lisboa: CLIMEPSI.
- Larkin, J. E., & Pines H. A. (2005). Developing information literacy and research skills in introductory psychology: A case study. *Journal of Academic Librarianship*, 31, 40-45.
- Pinto, M., Sales, D., & Osorio, P. (2008). *Biblioteca universitaria, CRAI y alfabetización informacional*. Gijón: TREA.
- UNESCO (2005). *Hacia las sociedades del conocimiento*. Paris: UNESCO.
- Rockman, I. F. (Ed.). (2004). *Integrating information literacy in the higher education curriculum: Practical models for transformation*. London: Jossey Bass.
- Rusbridge, C. (1998). Towards the hybrid library, *DLib Magazine* 7(7/8), 9-21.
- Tortosa, F. M., & Civera, C. (2002). *Nuevas tecnologías de la información y documentación en Psicología*. Barcelona: Ariel.
- Vasconcelos, D. (2004). Biblioteca do Conhecimento Online: Um novo impulso para a sociedade da informação”. *Cadernos BAD*, 1, 116-123.